

rutura mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

*Não suspireis mais, senhoras, não suspireis mais
Os homens sempre foram traidores.*

W I L L I A M S H A K E S P E A R E

O casamento é uma coisa desesperada.

J O H N S E L D E N

P R Ó L O G O



Morrer seria demasiado bom para ele. A morte era um fim, uma libertação, até. Ele havia de ir para o inferno, disse ela não duvidava, e lá sofreria tormentos eternos. Era o que queria para ele — um dia. Mas de momento, queria vê-lo sofrer.

Filho da mãe mentiroso e infiel! Queria vê-lo choramingar e implorar e suplicar e rastejar como a ratazana que era. Queria vê-lo sangrar dos ouvidos, gritar como uma menina. Queria torcer-lhe aquela coisa adúltera que ele tinha no meio das pernas e ouvi-lo guinchar por misericórdia — em vão.

Queria esmurrar aquela linda cara mentirosa até a reduzir a uma massa ensanguentada e purulenta.

Depois, e só depois, sem nada no meio das pernas e com a cara desfeita, o estupor podia morrer. Uma morte lenta, agonizante.

Porque ninguém, *ninguém* traía Reva Ewing.

Teve de parar o carro na berma, em Queensboro Bridge, até se acalmar o suficiente para ser capaz de prosseguir. Porque *alguém* traía Reva Ewing. O homem que ela amara, o homem com quem tinha casado, o homem em quem confiara sem reserva estava, naquele preciso momento, na cama com outra mulher.

A tocar outra mulher, a saboreá-la, a enlouquecê-la com as suas mãos hábeis e traidoras.

E não uma mulher qualquer. Uma amiga. Outra pessoa que Reva amara, e em quem acreditara, em quem tinha confiança, alguém com quem ela contava.

Não era apenas exasperante. Não era apenas doloroso saber que o seu marido e a sua amiga estavam a ter uma aventura, mesmo debaixo do seu nariz distraído. Era *embaraçoso* ver-se como um cliché. A esposa enganada, a idiota ingénua que aceitava e acreditava no adúltero de cada vez que ele dizia que tinha de trabalhar até tarde, ou que tinha um jantar de negócios, ou que tinha de sair da cidade por alguns dias para assegurar, ou entregar, um projeto.

Pior, pensava agora Reva, enquanto os carros passavam com um zumbido ao seu lado, era saber que fora tão facilmente enganada. Ela que era perita em segurança. Trabalhara cinco anos nos Serviços Secretos e encarregara-se da segurança de uma presidente, antes de passar para o setor privado. Que era feito do seu instinto, dos seus olhos, dos seus ouvidos?

Como podia Blair chegar a casa, noite após noite, depois de estar com outra mulher, e ela não se *aperceber*?

Isso acontecera porque o amava, admitiu Reva. Porque se sentia feliz, loucamente feliz, por acreditar que um homem como Blair — tão sofisticado e bem-parecido — a amava e a desejava.

Ele era tão atraente, tão talentoso, tão esperto. O boémio elegante, com um cabelo preto sedoso e olhos verde-esmeralda. Ficara caidinha, pensava agora, no instante em que ele lhe pousara aqueles olhos em cima, no momento em que lhe lançara aquele sorriso sedutor. E seis meses depois estavam casados, a viver naquela casa enorme e isolada em Queens.

Dois anos, pensava Reva, dois anos em que lhe dera tudo o que tinha, em que partilhara cada pedacinho de si com ele, em que o amara com cada célula do seu ser. E durante todo esse tempo, ele fizera-a de idiota.

Bem, estava na altura de o fazer pagar por isso. Reva enxugou as lágrimas da cara, apelou à raiva dentro de si. Agora, Blair Bissel ia descobrir com quem se metera.

Voltou para a faixa de rodagem, e pôs-se rapidamente a caminho de Upper East Side, em Manhattan.

A cabra que roubava maridos, como Reva pensava agora na sua ex-amiga, Felicity Kade, vivia numa bonita casa remodelada com fachada de arenito, perto do extremo norte de Central Park. Em vez de se lembrar

de todas as vezes que lá estivera, em festas, noites informais, nos famosos *brunches* de domingo de Felicity, Reva concentrou-se no sistema de segurança.

Era sofisticado. Felicity colecionava obras de arte e guardava os seus bens como um cão guarda um osso suculento. Na verdade, Reva conhecera-a três anos antes, quando ajudara a conceber e a instalar o sistema de segurança de Felicity.

Só um perito conseguiria entrar, e depois ainda encontraria dispositivos de segurança integrados que só não frustrariam a *crème de la crème* dos assaltantes.

Mas quando uma mulher ganhava a vida, e a ganhava bem, a procurar falhas em sistemas de segurança, conseguia sempre encontrar alguma. Reva vinha armada: dois bloqueadores de sinal, um computador topo de gama, um código-mestre da Polícia obtido ilicitamente, e uma *stunner*, com a qual tencionava atingir os ditos de Blair.

Depois disso... bem, não sabia ao certo o que faria. Teria de improvisar.

Pegou no saco com o material, enfiou a *stunner* no bolso de trás e caminhou através da agradável noite de setembro até à entrada da frente.

Acionou o primeiro bloqueador de sinal quando já se encontrava perto, sabendo que dispunha de apenas trinta segundos a partir do momento em que o colocasse no painel exterior. Viu os números reluzirem no seu minicomputador e contou o tempo, sentindo a pulsação acelerar.

Três segundos antes de o alarme dever disparar, o primeiro código foi transferido para o bloqueador. Reva soltou o ar que retivera nos pulmões, e olhou para as janelas às escuras.

— Continuem o que estão a fazer aí em cima, par de vermes — murmurou, preparando o segundo bloqueador. — Só preciso de mais uns minutinhos. E depois vamos divertir-nos *a sério*.

Passou um carro na rua, atrás de si, e Reva praguejou ao ouvi-lo travar. Num relance, viu um táxi junto ao passeio, e o casal bem-disposto, com roupa elegante, que de lá saiu. Reva aproximou-se um pouco mais da porta, escondendo-se na sombra. Com uma minibroca, removeu a parte lateral do leitor biométrico, notando que o androide de Felicity mantinha até os parafusos imaculados.

Ligando um fio com a espessura de um cabelo ao seu PPC, teclou um código alternativo, e esperou alguns segundos, a suar, até ele ser aceite.

Meticulosamente, voltou a colocar o painel, e depois usou o segundo bloqueador de sinal no detetor de voz.

Demorou mais tempo a clonar este último, uns bons dois minutos. Por fim, sobrepondo-se à fúria, Reva sentiu um arrepio de excitação quando o último registo de voz foi reproduzido pelo equipamento.

August Rembrandt.

Os lábios de Reva contorceram-se num esgar, ao ouvir a voz da sua falsa amiga murmurar a palavra-passe. Agora bastava-lhe introduzir o código de segurança clonado e, em seguida, retirar a última fechadura, desta vez manual, com as ferramentas que trouxera.

Esgueirou-se para o interior, fechou a porta e, por hábito, reativou o sistema de segurança.

À espera que o androide aparecesse, manteve a *stunner* a postos. Claro que ele a reconheceria, o que daria a Reva tempo à justa para lhe fritar os circuitos. Depois, o caminho estaria livre.

Mas a casa continuava em silêncio, e nenhum androide surgiu no vestíbulo. Com que então, tinham-no desligado, pensou Reva, com aze-dume. Para terem toda a privacidade.

Sentiu o perfume das rosas que Felicity tinha sempre no vestíbulo — cor-de-rosa, substituídas todas as semanas. Estava uma lanterna ao lado da jarra, mas Reva não precisava de nada disso. Sabia o caminho, e dirigiu-se imediatamente para a escada, que a levaria ao primeiro andar. Ao quarto.

No patamar, viu o que precisava de ver para que a raiva voltasse à superfície. O blusão de pele de Blair, atirado de qualquer maneira para o corrimão. O blusão que ela lhe oferecera pelo seu aniversário, na primavera anterior. O blusão que ele tinha sobre o ombro, segurando-o des-contraidamente nas pontas dos dedos, nessa mesma manhã, quando se despedira da sua mulher apaixonada com um beijo, e quando lhe roçara o nariz no pescoço, dizendo-lhe que sentiria muito a sua falta, dizendo-lhe que odiava ter de fazer até aquela viagem rápida.

Reva pegou no casaco, encostou-o à cara. Ao sentir o cheiro dele, a dor quase levou a melhor sobre a raiva.

Para se livrar daquele aperto no coração, tirou da mala uma das ferramentas que trouxera e desfez o blusão em tiras. Depois, atirando-o para o chão, espezinhou-o com o calcanhar antes de prosseguir.

Com a cara a arder de cólera, pousou o saco e voltou a tirar a *stunner* do bolso. Ao aproximar-se do quarto, viu a luz trémula no interior. Velas, agora podia sentir o cheiro, um perfume quente e feminino.

Era tudo tão típico de Felicity, pensou. Tudo tão feminino, delicado e perfeito. Reva teria preferido algo moderno, algo atual e visceral, para a alteração que teria lugar.

Algo como Mavis Freestone a dar uma boa tarefa musical, pensou Reva.

Mas afinal era fácil abafar a música, com o zunido da cólera e a campanha da traição a ressoarem-lhe na cabeça. Empurrou a porta com a ponta dos pés, entrou.

Viu as duas figuras enlaçadas sob a colcha de renda e seda. Tinham adormecido, pensou amargamente. Aninhados, aquecidos e relaxados pelo sexo.

As roupas tinham sido atiradas para uma cadeira, à toa, como se eles estivessem com pressa de começar. Ao ver o amontoado das roupas, Reva ficou destroçada.

Reprimindo a dor, aproximou-se da cama, *stunner* em punho.

— Horas de acordar, seus montes de lixo.

E levantou a colcha de seda arrendada.

O sangue. Oh Deus, o sangue. Ao ver o sangue, sobre os corpos, sobre os lençóis, foi tomada por uma vertigem. O súbito odor a morte, misturado com o perfume de flores e velas, causou-lhe vômitos e fê-la recuar aos tropeções.

— Blair? *Blair?*

Gritou uma vez, obrigando-se a reagir. Enchendo o peito de ar para gritar outra vez, precipitou-se para a frente.

Alguma coisa, alguém, saiu da sombra. Reva detetou o movimento, e outro odor — intenso, medicinal. Encheu-lhe a garganta, os pulmões.

Voltou-se, para fugir ou para se defender, não sabia ao certo, e debateu-se para se mover no ar que se transformara em água ao seu redor. Mas já não tinha forças nos membros, que se entorpeceram segundos antes de os seus olhos se revirarem.

E caiu ao lado dos mortos que a tinham traído.

C A P Í T U L O 1



Atenente Eve Dallas, uma distinta inspetora de Nova Iorque, estava deitada, nua, com o sangue a latejar-lhe nos ouvidos e o coração a bater como um macaco pneumático. Conseguiu inspirar, a custo, depois desistiu.

Quem precisava de ar, quando o sistema estava acelerado, no rescaldo de sexo verdadeiramente espetacular?

Continuava deitada, o corpo do marido quente, duro e imóvel sob o seu. O único movimento era o bater dos seus corações, um contra o outro. Até Roarke levantar uma das suas maravilhosas mãos e a fazer deslizar ao longo das costas dela, da nuca ao traseiro.

— Se estás à espera que eu me mexa, estás com azar.

— Eu diria que estou com sorte.

Eve sorriu no escuro. Adorava a voz dele, aquele sotaque irlandês.

— Bela receção de boas-vindas, tendo em conta que estiveste fora menos de quarenta e oito horas.

— Uma boa maneira de terminar uma viagemzinha a Florença, sem dúvida.

— Não te perguntei... Passaste pela Irlanda, para visitares a tua...

— Eve hesitou por um segundo. Ainda era estranho pensar que Roarke tinha família. — A tua família?

— Passei, sim. Foram umas horas agradáveis. — A mão dele continuou a acariciá-la, deslizando-lhe nas costas, para cima e para baixo, para

cima e para baixo, até a sua pulsação abrandar e os seus olhos ameaçarem fechar-se. — É tão estranho, não é?

— Acho que vai continuar a ser, ainda por algum tempo.

— E como está a nova inspetora?

Eve aninhou-se contra ele, pensando na sua antiga ajudante e em como ela estava a lidar com a sua recente promoção.

— A Peabody está bem. Ainda a tentar adaptar-se. Tivemos um caso de briga familiar que deu para o torto. Dois irmãos à luta por causa da herança. Andaram à porrada, até um deles mergulhar de cabeça escada abaixo e partir aquele pescoço estúpido. Então, o outro tenta simular um assalto que correu mal. Atira a tralha toda que estavam a disputar para um cobertor, carrega-a para o carro e enfia-a no porta-bagagens. Como se não fôssemos lembrar-nos de procurar ali.

O tom de troça na voz dela fez Roarke rir. Ela rolou para o lado e espreguiçou-se.

— Bem, como era só somar dois e dois, pus a Peabody à frente do caso. Quando conseguiu voltar a respirar, saiu-se bem. Os técnicos já estavam a recolher indícios, mas ela leva o idiota para a cozinha, manda-o sentar-se, toda muito solidária... usou aquela conversa da família, que ela conhece tão bem. Arrancou-lhe uma confissão em dez minutos. Apanhou-o por homicídio involuntário.

— Ainda bem.

— Sim, vai ajudá-la a ganhar confiança. — Espreguiçou-se de novo. — Este caso foi como passear pelo prado. Dava-nos jeito mais alguns assim, depois do verão que tivemos.

— Podias tirar uns dias. Passeávamos num prado a sério.

— Dá-me mais duas semanas com ela. Quero ter a certeza de que está à vontade, antes de a deixar sozinha.

— Combinado, então. Ah, é verdade... A tua receção entusiástica, embora muito apreciada, fez-me esquecer duma coisa. — Saiu da cama, pondo a iluminação a dez por cento.

Sob a luz suave, Eve viu-o descer da ampla plataforma onde se encontrava a cama, e caminhar até à pequena mala que levava de viagem. Gostava tanto de o observar, os movimentos dele eram graciosos como os de um gato esbelto, elegante.

Aquela graça seria inata, perguntava-se Eve, ou fora adquirida na infância, quando ele fugia à Polícia e roubava nas ruas de Dublin? Fosse como fosse, Roarke fizera bom uso dela, sendo aquele rapaz esperto, e

aquele homem esperto que construíra um império à sua custa, com coragem e manha e uma astúcia ardilosa.

Quando ele se voltou, Eve contemplou-lhe a cara sob a luz ténue, e o que sentiu fê-la estremecer. Amava-o profundamente, e ainda ficava de respiração cortada ao pensar que Roarke era seu — que algo tão belo lhe pertencia.

Ele era como uma obra de arte esculpida por um feiticeiro exímio. Os traços da cara, e a boca carnuda, que era de uma sensualidade mágica. Os olhos, de um azul-celta bravio, que ainda a faziam sentir um nó na garganta quando pousavam nela. E esta tela magnífica estava emoldurada por seda preta, o cabelo que lhe caía quase até aos ombros, e que os dedos de Eve nunca resistiam a tocar.

Estavam casados havia mais de um ano, e em certos momentos, momentos inesperados, Eve sentia o coração parar só de olhar para ele.

Roarke veio novamente sentar-se a seu lado, segurou-lhe o queixo com a mão e acariciou com o polegar a covinha no seu centro.

— Minha querida Eve, tão quieta e silenciosa no escuro. — Beijou-lhe a testa ao de leve. — Trouxe-te um presente.

Ela pestanejou, recuando instintivamente. Fazia-o sempre sorrir, aquela reação de Eve aos presentes. E o olhar desconfortável que ela lançou à caixa comprida e estreita que ele tinha na mão fê-lo rir.

— Não morde — garantiu-lhe.

— Nem estiveste fora dois dias. Deve haver um requisito de tempo mínimo para trazer presentes.

— Senti a tua falta ao fim de dois minutos.

— Estás a dizer isso para me amoleceres.

— Mas não deixa de ser verdade. Abre a caixa, Eve, depois diz «Obrigada, Roarke».

Ela revirou os olhos, e abriu a caixa.

Era uma pulseira, com um padrão de minúsculas formas de diamante gravadas no ouro, para lhe conferirem brilho. No centro encontrava-se uma pedra, que Eve tomou como um rubi, já que era de um vermelho-vivo, uma pedra do tamanho do seu polegar e suave ao toque.

Tinha um aspeto antigo, e importante, o tipo de antiguidade de valor inestimável que lhe punha o estômago às voltas.

— Roarke...

— Esqueceste-te da parte do «obrigada».

— Roarke — disse ela de novo. — Vais dizer-me que isto em tempos pertenceu a uma condessa italiana ou...

— Princesa — esclareceu ele, pegando na pulseira para a enfiar no pulso dela. — Século XVI. Agora pertence a uma rainha.

— Oh, por favor.

— Tens razão, exagerei um nadinha. Mas a verdade é que te fica bem.

— Até ficava bem a um cepo. — Eve não gostava muito de brilhos, apesar de o homem a cobrir dessas coisas à mínima oportunidade. Mas aquela joia tinha... qualquer coisa, pensou Eve, erguendo o braço e virando o pulso, de tal modo que a pedra apanhava a luz e a refletia. — E se a perder, ou a partir?

— Era uma pena. Mas até isso acontecer, gosto de a ver no teu pulso. Se te faz sentir melhor, a minha tia Sinéad ficou igualmente desorientada com o colar que lhe comprei.

— Parece-me uma mulher sensata.

Roarke puxou-lhe uma madeixa de cabelo.

— As mulheres da minha vida são sensatas, e por isso cedem ao meu capricho de lhes dar presentes, já que tenho tanto gosto nisso.

— Essa conversa é ardilosa. A pulseira é linda. — E Eve tinha de admitir, pelo menos só para si, que gostava da fluidez com que lhe deslizava sobre a pele. — Não posso usar isto para o trabalho.

— Calculo que não. Mas fica-te bem como estás agora. Sem mais nada em cima do corpo.

— Não te ponhas com ideias, campeão. O meu turno começa dentro de... seis horas — disse, depois de espreitar o relógio.

Detetando aquele brilho nos olhos dele, Eve estreitou os seus. Mas o seu protesto pouco convicto foi silenciado pelo *link* que estava na mesa de cabeceira.

— É o teu toque. — Indicou o *link* com o queixo, e rolou para fora da cama. — Pelo menos, quando *tu* recibes chamadas às duas da manhã, ninguém morreu.

Dirigiu-se para a casa de banho, enquanto Roarke bloqueava o vídeo e atendia.

Não teve pressa, e antes de sair ocorreu-lhe vestir o roupão que estava pendurado atrás da porta, para o caso de Roarke ter ligado o vídeo do *link*.

Ao voltar para o quarto, ainda a apertar o roupão, viu que Roarke estava de pé, junto ao roupeiro.

— Quem era?

— A Caro.

— Vais sair? Às duas da manhã? — O tom da voz dele, e o modo como dissera o nome da sua assistente, provocou-lhe um arrepio na nuca. — O que se passa?

— Eve. — Roarke tirou uma camisa para usar com as calças que vestira apressadamente. — Preciso de um favor. Um grande favor.

Não da sua mulher, pensou. Mas da polícia.

— O que é?

— Uma das minhas funcionárias. — Continuou a abotoar a camisa, mas sem desviar os olhos dela. — Está num sarilho. Num sarilho grave. Há gente morta.

— Uma das tuas funcionárias matou alguém, Roarke?

— Não. — Como Eve não saía do mesmo sítio, ele foi ao roupeiro dela, tirou roupas. — Ela está confusa e em pânico, e com um discurso pouco coerente, segundo a Caro. Nada disto combina com a Reva. Ela trabalha na Segurança. Conceção e instalação, principalmente. É firme como uma rocha. Esteve vários anos nos Serviços Secretos, e não é uma mulher que fique abalada facilmente.

— Não estás a dizer-me o que aconteceu.

— Encontrou o marido e uma amiga na cama, em casa da amiga. Mortos. Já mortos, Eve.

— E ao encontrar duas pessoas mortas, contactou a tua assistente administrativa, em vez de contactar a Polícia.

— Não. — Roarke pôs-lhe as roupas nas mãos. — Contactou a sua mãe.

Eve fitou-o, praguejou baixinho e começou a vestir-se.

— Tenho de participar isto.

— Peço-te que esperes, até veres por ti própria, até falares com a Reva. — Pousou as mãos nas dela, segurando-as até Eve o fitar de volta. — Eve, peço-te, por favor, espera até veres. Não tens de participar o que não viste com os teus próprios olhos. Conheço esta mulher. Conheço a mãe dela há mais de uma dúzia de anos, e confio nela, como só confio em muito poucos. Elas precisam da tua ajuda. Eu preciso da tua ajuda.

Eve pegou no arnês da arma, prendeu-o ao corpo.

— Então vamos lá. Depressa.

Estava uma noite límpida, com o ar opressivo do verão de 2059 a tornar-se mais leve e mais fresco, agora que o outono se avizinhava. Havia pouco trânsito, e a curta viagem requeria pouca perícia ou concentração

da parte de Roarke. Pelo silêncio da sua mulher, compreendeu que ela se fechara. Eve não lhe fizera quaisquer perguntas, porque não queria mais informação, nada que influenciasse as suas impressões sobre o que estava prestes a ver, a ouvir e a *sentir*.

A sua cara estreita e angulosa mantinha-se séria, os olhos amendoados, de um castanho-dourado, tinham assumido a sua expressão de polícia. Ilegíveis, até para ele. A boca, pouco antes quente e macia contra a sua, estava agora contraída, os lábios apertados.

Roarke estacionou na rua, num lugar proibido, e ligou a luz do veículo de Eve, com a indicação EM SERVIÇO, ainda antes de ela o fazer.

Sem uma palavra, Eve saiu e ficou parada no passeio, alta e esbelta, o cabelo castanho ainda em desalinho, uma vez que acabara de sair da cama.

Roarke foi ter com ela e passou-lhe delicadamente os dedos pelo cabelo, tentando penteá-lo o melhor possível.

— Obrigado por fazeres isto.

— Não me agradeças ainda. Bela casinha — observou ela, indicando a moradia. Ainda antes de subir a escada, a porta abriu-se.

Ali estava Caro, o cabelo branco muito brilhante, como um halo prateado em torno da cabeça. Não fosse pelo cabelo, Eve talvez não tivesse reconhecido a distinta e eficiente secretária de Roarke naquela mulher pálida, com um casaco vermelho elegante por cima de um pijama azul de algodão.

— Graças a Deus. Graças a Deus. Obrigada por terem vindo tão depressa. — Estendeu uma mão visivelmente trémula e agarrou a de Roarke. — Não sabia o que fazer.

— Fez bem — disse-lhe Roarke, conduzindo-a para dentro de casa.

Eve ouviu-a reprimir um soluço e suspirar.

— A Reva... ela não está bem, nada bem. Deixei-a na sala. Não fui lá acima.

Caro afastou-se de Roarke, endireitou os ombros.

— Achei que não devia. Não toquei em nada, tenente, a não ser num copo da cozinha. Fui buscar um copo de água para a Reva, mas só toquei no copo, e na garrafa. Oh, e no puxador do frigorífico. Eu...

— Não se preocupe. Porque não vai sentar-se com a sua filha? Roarke, fica com elas.

— Pode ficar com a Reva uns minutos, não é, Caro? — perguntou ele. — Eu vou com a tenente. — Ignorando o olhar irritado de Eve,

passou a mão pelo ombro de Caro, num gesto reconfortante. — Não me demoro.

— Ela disse... A Reva disse que era horrível. E agora está ali sentada, e não diz nada.

— Mantenha-a calada — aconselhou Eve. — Não a deixe ir lá acima. — Subiu a escada. Viu o casaco de pele, desfeito e caído no chão. — Ela disse-te qual era o quarto? — perguntou a Roarke.

— Não. Só que a Reva os encontrou na cama.

Eve espreitou o quarto à sua direita, um outro à esquerda. Depois sentiu o cheiro a sangue. Seguiu pelo corredor, deteve-se à entrada.

Os dois corpos estavam deitados de lado, de frente um para o outro. Como se estivessem a contar segredos. Havia sangue nos lençóis, nas almofadas, na colcha arrendada caída no chão.

Havia sangue no punho e na lâmina da faca cruelmente espetada no colchão.

Estava um saco preto junto à porta, uma *stunner* topo de gama no chão, do lado esquerdo da cama, e havia uma pilha desordenada de roupa numa cadeira. Velas perfumadas, ainda acesas. E a música continuava a tocar, uma melodia suave, sensual.

— Isto não é passear num prado — murmurou Eve. — Duplo homicídio. Tenho de participar.

— Ficas como investigadora responsável?

— Sim — concordou Eve. — Mas se a tua amiga for culpada, não te vou fazer qualquer favor.

— Ela não fez isto.

Roarke afastou-se, enquanto Eve pegava no seu comunicador.

— Preciso que leves a Caro para outra divisão — disse-lhe, quando terminou. — Não para a cozinha — acrescentou, lançando mais um olhar à faca. — Deve haver um escritório, uma biblioteca ou algo parecido lá em baixo. Tenta não tocar em nada. Preciso de interrogar a... Reva, é esse o nome dela?

— Reva Ewing, sim.

— Tenho de a interrogar, e não vos quero por perto, nem a ti nem à mãe dela. Se queres ajudá-la — disse-lhe, antes que ele pudesse falar —, vamos cumprir as normas à risca, a partir de agora. Disseste que ela trabalha em segurança.

— Sim.

— Como trabalha para ti, é escusado perguntar se é competente.

— É, sim. Muito competente.

— E ele era o marido dela?

Roarke olhou de novo para a cama.

— Era. Blair Bissel, um artista de talento discutível. Trabalha... trabalhava com metal. Aquilo é uma obra dele, parece-me. — Apontou para o que parecia ser um amontoado de tubos e blocos de metal, num canto do quarto.

— E as pessoas pagam por isto? — Eve abanou a cabeça. — Há gente para tudo. Vou fazer-te mais perguntas sobre a Reva, mas quero falar com ela primeiro, e depois voltar à cena do crime. Há quanto tempo tinham problemas conjugais? — perguntou Eve, saindo para o corredor.

— Não sabia que tinham problemas.

— Bem, agora já não têm. Mantém a Caro afastada — ordenou, dirigindo-se em seguida para a sala, para ver Reva Ewing pela primeira vez.

Caro estava sentada, com um braço sobre os ombros de uma mulher de trinta e poucos anos. A mulher tinha cabelo escuro, curto, com um corte quase tão descuidado como o de Eve. Parecia ser baixa e atlética, o tipo de corpo que ficava favorecido com a *t-shirt* preta e as calças de ganga que ela usava.

A sua pele estava branca como cal, os olhos eram de um cinzento fuliginoso, que se tornara quase preto devido ao choque. Os lábios não tinham cor, e eram um pouco finos de mais. Quando Eve se aproximou, esses olhos ergueram-se e fitaram-na sem ver. Estavam raiados de vermelho e inchados, e nada mostravam da suposta inteligência da mulher.

— Senhora Ewing, sou a tenente Dallas.

O olhar continuava ausente, mas a cabeça fez um pequeno movimento, como se ela estremecesse ou anuísse.

— Preciso de lhe fazer algumas perguntas. A sua mãe vai ficar com o Roarke enquanto falamos.

— Oh, não posso ficar com ela? — O braço de Caro estreitou um pouco mais os ombros de Reva. — Não vou interferir, prometo, mas...

— Caro. — Roarke aproximou-se dela, curvou-se e segurou-lhe a mão. — É melhor assim. — Com gentileza, ajudou Caro a levantar-se. — É melhor para a Reva. Pode confiar na Eve.

— Sim, eu sei. É só que... — Olhou para trás, enquanto Roarke a conduzia para fora da sala. — Estou aqui, Reva, estou mesmo aqui.

— Senhora Ewing. — Eve sentou-se à frente de Reva, pousou o gravador na mesa entre elas. E viu o olhar de Reva fixar-se no aparelho. — Vou

gravar a nossa conversa. Vou ler-lhe os seus direitos, depois faço-lhe algumas perguntas. Compreende?

— O Blair está morto. Eu vi. Eles estão mortos. O Blair e a Felicity.

— Senhora Ewing, tem direito ao silêncio. — Eve recitou os Direitos de Miranda, nova versão, e Reva fechou os olhos.

— Oh, Deus, oh, Deus. Isto é real. Não é só um pesadelo horrível. É real.

— Conte-me o que aconteceu aqui esta noite.

— Não sei. — Uma lágrima rolou-lhe pela cara. — Não sei o que aconteceu.

— O seu marido estava sexualmente envolvido com a Felicity?

— Não compreendo. Não compreendo. Achava que ele me amava. — Os seus olhos fixaram os de Eve. — A princípio, não acreditei. Como podia acreditar? O Blair e a Felicity. O meu marido e a minha amiga. Mas depois vi tudo, vi todos os sinais que me tinham passado ao lado, todas as pistas, todos os erros... os pequenos erros que eles cometiam.

— Há quanto tempo descobriu?

— Foi só esta noite. Só esta noite. — Com a respiração trémula, Reva levou um punho fechado à cara, para enxugar as lágrimas. — Ele disse-me que ia para fora e voltava amanhã. Um cliente, uma nova encomenda. Mas estava aqui, com ela. Vim para cá, e vi...

— Veio aqui, esta noite, para os confrontar?

— Estava tão zangada. Fizeram-me de parva, e estava tão zangada. Partiram-me o coração, eu estava tão triste. Depois vi-os mortos. Aquele sangue todo. Tanto sangue.

— Matou-os, Reva?

— Não! — exclamou, o corpo sacudido por um espasmo. — Não, não, não! Queria magoá-los. Queria que eles *pagassem*. Mas não... não podia tê-lo feito. Não sei o que aconteceu.

— Conte-me o que sabe.

— Vim até aqui de carro. Moramos em Queens. O Blair queria uma moradia, e não queria viver em Manhattan, onde ambos trabalhamos. Um lugar afastado, isolado, foi o que ele disse. Um lugar só nosso.

A voz fraquejou-lhe, e Reva escondeu a cara entre as mãos.

— Desculpe. Isto parece impossível. Parece que vou acordar a qualquer momento e nada disto terá acontecido.

Tinha sangue na camisola. Não nas mãos, nem nos braços ou na

cara. Eve tomou nota disso, juntamente com outras observações, e esperou que Reva se recompusesse e continuasse.

— Estava furiosa, e sabia exatamente o que queria fazer. Fui eu que concebi o sistema de segurança da casa, por isso sabia como entrar.

Limpou uma lágrima da face.

— Não queria dar-lhes tempo para se prepararem, por isso entrei sem darem por mim, e fui direita ao quarto.

— Estava armada?

— Não... Bem, tinha uma *stunner*. A que usava nos Serviços Secretos, reconfigurada. Não excede a potência autorizada, por isso posso usá-la com uma licença civil. Ia... — Respirou fundo. — Ia dar um bom choque ao Blair. No meio das pernas.

— E foi o que fez?

— Não. — Reva cobriu a cara com as mãos. — Não me lembro claramente. É como se tivesse uma mancha no cérebro.

— Fez aquilo ao casaco de pele?

— Sim — admitiu, com um suspiro. — Fui eu que lhe dei aquele maldito blusão, e fiquei furiosa quando o vi. Peguei na minibroca e dei cabo dele. Foi mesquinho da minha parte, sei que foi, mas estava tão zangada...

— Não me parece mesquinho — disse Eve, num tom moderado e apenas ligeiramente solidário. — O seu marido estava a enganá-la com a sua amiga, quis fazer alguma coisa que o chateasse.

— Era assim que me sentia. Depois vi-os na cama, juntos. E vi que estavam... mortos. O sangue. Nunca tinha visto tanto sangue. Ela gritou... não, não, eu gritei. Devo ter gritado.

Esfregou a garganta com uma mão, como se ainda pudesse senti-la vibrar.

— Depois desmaiei... julgo. Cheirei alguma coisa. O sangue, mas ainda outra coisa. E desmaiei. Não sei durante quanto tempo.

Agarrou o copo de água, bebeu avidamente.

— Acordei, e senti-me confusa, agoniada e esquisita. Depois vi-os, na cama. Vi-os outra vez e rastejei para fora do quarto. Não conseguia pôr-me de pé, por isso arrastei-me até à casa de banho, e vomitei. Liguei à minha mãe. Não sei bem porquê. Devia ter ligado para a Polícia, mas liguei à minha mãe. Não estava a pensar com clareza.

— Veio aqui, esta noite, com a intenção de matar o seu marido e a sua amiga?

— Não. Vim aqui com a intenção de fazer uma tremenda fita. Tenente, acho que vou vomitar outra vez. Preciso de...

Com uma mão no estômago, Reva pôs-se em pé de um salto e começou a correr. Seguindo-a de perto, Eve viu-a abrir uma porta e precipitar-se por uma casa de banho adentro, onde se deixou cair de joelhos e vomitou, terrivelmente indisposta.

— Arde — disse a custo, aceitando a toalha molhada que Eve lhe estendia. — Faz-me arder a garganta.

— Tomou drogas esta noite, Reva?

— Não tomo drogas. — Passou a toalha pela cara. — Criada pela Caro, avaliada pelos Serviços Secretos, depois pelo Roarke, acredite, não faço nada disso. — Exausta, encostou-se à parede. — Tenente, nunca matei ninguém. Andei armada quando trabalhei para a presidente, e só uma vez precisei de usar a minha arma. Enfureço-me facilmente, e nessas alturas tendo a ser impulsiva. Quem fez isto ao Blair, à Felicity, não estava a ser impulsivo. Estava doido. Doido varrido. Eu não podia ter feito isto. Não podia.

Eve agachou-se, de modo a olhá-la nos olhos.

— Porque é que me parece que não está só a tentar convencer-me a mim, Reva? Porque é que me parece que também está a tentar convencer-se a si?

Os lábios de Reva tremeram, os seus olhos encheram-se novamente de lágrimas.

— Porque não me lembro. Não consigo lembrar-me. — Cobriu a cara com as mãos, e chorou.

Eve deixou-a sozinha enquanto foi procurar Caro.

— Quero que fique com ela — ordenou à assistente de Roarke. — Vou pô-las sob vigilância temporária. É o procedimento habitual.

— Vai prendê-la?

— Não tomei essa decisão. Ela está a colaborar, e isso é um ponto a seu favor. O melhor é a Caro trazê-la para aqui, e ficar com ela nesta sala até eu voltar.

— Está bem. Obrigada.

— Tenho de ir buscar o meu *kit* ao carro.

— Eu trato disso. — Roarke saiu com ela para a rua. — Que te parece?

— Não me vai parecer nada enquanto não isolar e examinar o local.

— Tem sempre alguma ideia, tenente.

— Deixa-me fazer o meu trabalho. Queres ajudar? Encaminha

a minha parceira e a equipa da Cena de Crime para o primeiro andar, quando chegarem. Até lá, preciso que te mantendas afastado, para não atrapalhares.

— Diz-me uma coisa. Devo aconselhar a Reva a contactar um advogado?

— Estás a pôr-me numa situação tramada. — Tirou-lhe o *kit* das mãos. — Eu sou polícia. Deixa-me fazer o meu trabalho. Resolve tu o resto. Raios partam isto.

Subiu a escada a bater os pés. Abriu o *kit*, tirou uma lata de *Seal-It* e cobriu as mãos e as botas. Depois, prendendo um gravador à lapela, voltou a entrar na cena do crime e deitou mãos ao trabalho.

Estava a analisar os corpos, propriamente ditos, quando ouviu uma tábua do chão ranger. Voltou-se rapidamente, pronta a correr com o intruso, e engoliu um palavrão ao deparar-se com Peabody.

Ainda não se habituara ao facto de a sua antiga ajudante já não fazer ruído ao caminhar. A nova inspetora trocara os sapatos de sola rija do uniforme de polícia por uns confortáveis ténis que eram quase silenciosos. E, na opinião de Eve, um pouco assustadores.

Ao que parecia, Peabody tinha-os em todas as cores do arco-íris, incluindo o amarelo-mostarda que agora trazia, a combinar com o casaco. Mas apesar dos ténis, e das calças de corte direito e da camisola decotada, Peabody conseguia ter um ar tenso e aprumado, e de polícia.

O seu rosto quadrangular tinha uma expressão sóbria e concentrada, emoldurada pelo seu habitual penteado, o corte à tigela que parecia combinar com o cabelo escuro.

— É ainda mais humilhante quando estão nus.

— E ainda mais embaraçoso quando ela está com o marido de outra, ou ele está com uma mulher que não é a dele.

— É o que temos aqui? O aviso da ocorrência não era muito pormenorizado.

— Não lhes dei pormenores. O tipo morto é o genro da assistente do Roarke, e, neste momento, a filha dela é a principal suspeita.

Peabody olhou para a cama.

— Parece-me uma situação complicada que ficou ainda mais complicada.

— Inspecciona o local primeiro, depois dou-te a informação sobre os intervenientes. *Stunner*. — Ergueu a arma selada. — A suspeita afirma que...

— Caramba, uau!

— Que foi? Que foi? — Eve levou a sua mão livre à arma.

— Isso. — Estendendo o braço, Peabody passou delicadamente os dedos sobre a pulseira de Eve. — É linda. É absolutamente linda, Dallas.

Mortificada, Eve escondeu a pulseira sob a manga do casaco. Tinha-se esquecido de a tirar.

— Talvez devêssemos concentrar-nos no local do crime e deixar os meus acessórios.

— Claro, mas *que* acessório! Essa pedra grande, gorda e vermelha é um rubi?

— Peabody.

— Está bem, está bem. — Mas havia de lhe dar mais uma olhadela, quando apanhasse Eve distraída. — Onde estavas?

— Estava a brincar com as provas, a divertir-me numa cena de crime. Peabody revirou os olhos.

— Caramba, mais vale bateres-me.

— À primeira oportunidade — concordou Eve. — Continuando. A suspeita declarou ter trazido uma *stunner*, uma reconfigurada compatível com uma licença de civil. Esta não é uma *stunner* reconfigurada, mas uma arma militar com plenas capacidades.

— Hum-hum.

— Sucinta, como sempre.

— Isto é conversa inescrutável de inspetora.

— A referida arma, que já examinei, tem impressões digitais da suspeita, e só da suspeita, de uma ponta à outra. Assim como a arma do crime. — Eve apontou para outro saco selado, com uma faca no interior. — Naquele saco encontram-se bloqueadores eletrónicos e ferramentas de assaltante, igualmente carregados de impressões da Reva Ewing.

— Ela percebe de segurança?

— Trabalha nessa qualidade para as Roarke Enterprises, e já pertenceu aos Serviços Secretos.

— À primeira vista, parece que a suspeita entrou na casa, encontrou o marido com um comportamento estranho, e desatou à facada.

No entanto, aproximou-se da cama, dos corpos.

— Nenhuma das vítimas apresenta ferimentos defensivos, nem sinais de resistência. Quando alguém desata à facada, a maior parte das pessoas tende a opor-se, pelo menos ligeiramente.

— É difícil, quando já se levou com um choque de *stunner*.

Com a ponta de um dedo, Eve indicou as pintas vermelhas entre os ombros de Blair, e as que se viam entre os seios de Felicity.

— Ele, nas costas, ela, no peito — disse Peabody.

— Sim. Eu diria que estavam ambos com um comportamento estranho. O assassino vem por trás, trata dele primeiro, empurra-o para o lado e trata dela, sem lhe dar tempo para mais do que um pio. Quando as facadas começaram, eles já estavam inconscientes, ou pelo menos incapacitados.

— Queria mesmo vê-los mortos — observou Peabody. — Devem ter, cada um, uma dúzia de golpes.

— Ele tem dezoito, ela catorze.

— Au.

— Pois. Não há ferimentos no coração, o que é interessante. Faz-se mais sangue quando não se atinge o coração.

Observou a enorme mancha nos lençóis, os salpicos no abajur, junto à cama. Trabalho violento, pensou. Muito violento, muito espalhafatoso.

— Também é interessante que nenhum dos golpes tenha incidido sobre as queimaduras da *stunner*. A suspeita tinha sangue nas roupas, mas não muito, tendo em conta o que aqui se passou. As mãos e os braços estão limpos.

— Teria de se lavar, depois de uma coisa assim.

— É o que faz sentido. E se se tivesse lavado, faria sentido livrar-se da camisola também. Mas uma pessoa pode estupidificar, depois de esfregar outras duas até à morte.

— A mãe dela está aqui — lembrou Peabody.

— Sim. A mãe pode tê-la ajudado a lavar-se, mas a Caro parece-me mais cuidadosa do que isto. A morte deu-se à uma hora e doze minutos. A Divisão de Detecção Eletrónica vai verificar o sistema de segurança, tentar perceber como ela entrou na casa. Preciso que te encarregues da cozinha, que vejas se a arma do crime veio de lá ou se foi trazida de fora.

Fez uma pausa.

— Viste o que resta do blusão de cabedal que ficou ali no chão?

— Sim. Parece ser bom material.

— Também o quero num saco de provas. A Ewing diz que o desfez com a sua minibroca. Vamos ver se bate certo.

— Hum. Porque havia ela de usar uma broca, se tinha uma faca? Destruí-lo com uma faca seria mais gratificante e mais eficaz.

— Pois, boa pergunta. Vamos investigar ambas as vítimas, ver se

mais alguém tinha razões para os querer mortos, para além da esposa traída.

Soprando por entre os dentes, Peabody olhou de novo para os corpos.

— Se é o que parece, ela pode facilmente convencer um tribunal de que não estava na plena posse das suas faculdades.

— Vamos descobrir o que é, não o que parece.

C A P Í T U L O 2



— Não. Não lhe lavei as mãos nem a cara. — Caro estava sentada, com uma expressão composta, e não desviava os olhos de Eve. Mas tinha as mãos unidas no colo, como se as usasse para ancorar o corpo à cadeira.

— Tentei tocar no mínimo possível, e mantê-la calma até vocês chegarem.

— Caro. — Eve mantinha os olhos firmes no rosto da mulher, e tentava ignorar o facto (e o nó de ressentimento no seu ventre) de Roarke ter ficado a assistir à conversa. A pedido de Caro. — Há uma casa de banho grande lá em cima, junto ao quarto principal. Apesar de o lavatório ter sido limpo, encontrámos vestígios de sangue.

— Não fui lá acima. Dou-lhe a minha palavra.

Porque Caro lhe deu a sua palavra, e porque acreditava nela, Eve teve a certeza de que Caro não compreendia as implicações do que acabara de dizer. No entanto, pela subtil mudança de postura de Roarke, que agora estava alerta, Eve percebeu que ele tinha compreendido.

Como ele se manteve em silêncio, o nó de ressentimento que Eve sentia afrouxou um pouco.

— A Reva tem as roupas sujas de sangue — disse Eve.

— Sim, eu sei. Eu vi... — A tomada de consciência aflorou-lhe o olhar, instantaneamente seguida de um pânico controlado a custo. — Tenente, se a Reva... se ela usou a casa de banho, foi enquanto estava em

choque. Não para tentar encobrir o que quer que fosse. Tem de acreditar nisso. Ela estava em choque.

Nauseada, estava de certeza, pensou Eve. Deixara impressões digitais na borda da sanita, o que sugeria que fora vomitar. Mas não havia impressões na casa de banho maior. Os indícios da indisposição encontravam-se na casa de banho ao fundo do corredor.

Enquanto os vestígios de sangue estavam na casa de banho principal.

— Como entrou aqui, Caro?

— Como é que... oh. — Passou a mão pela cara, como se afastasse distraidamente uma teia de aranha. — A porta, a porta da frente estava destrancada. Estava um pouco aberta.

— Aberta?

— Sim. Sim, a fechadura tinha o sinal verde, depois vi que a porta não estava bem fechada, por isso empurrei-a e entrei.

— E qual foi a situação com que se deparou, ao entrar?

— A Reva estava sentada no chão, no vestíbulo. Estava enroscada no chão, a tremer. O que dizia era pouco coerente.

— Mas pareceu-lhe coerente quando falaram pelo *link*, já que a Caro compreendeu que o Blair e a Felicity estavam mortos, e que ela, a sua filha, estava em apuros.

— Sim. Quero dizer, compreendi que ela precisava de mim, e que o Blair... que o Blair e a Felicity estavam mortos. Ela disse: «Mãe. Mãe, eles estão mortos. Alguém os matou.» Estava a chorar, tinha a voz rouca e estranha. Disse que não sabia o que fazer, o que devia dizer. Perguntei-lhe onde estava, e ela disse-me. Não me lembro exatamente das suas palavras, nem das minhas. Mas está tudo no meu *link* em casa. Como certamente não de verificar. — A voz de Caro era agora um pouco mais tensa.

— Vamos verificar, sim.

— Percebo agora que a Reva, tal como eu, devia ter contactado imediatamente a Polícia.

Caro passou uma mão pelos joelhos das suas calças de pijama, ficando depois a olhar para elas, como se só agora se desse conta do que tinha vestido.

Ficou ligeiramente ruborizada, depois suspirou.

— Posso apenas dizer-lhe que nenhuma de nós, nenhuma de nós estava... a pensar claramente, e só nos ocorreu contactar a pessoa em quem ambas mais confiamos.

— Sabia que o seu genro estava a ter uma aventura?

— Não. Não sabia — replicou Caro, com raiva. — E antes que pergunte, eu conhecia bastante bem a Felicity, ou achava que conhecia — emendou. — Considerava-a uma das melhores amigas da Reva, quase uma irmã. Esteve muitas vezes na minha casa, tal como eu estive na dela.

— A Felicity estava envolvida com outros homens?

— Ela tinha uma vida social muito ativa, e tinha um fraco por artistas. — Uma expressão amarga desenhou-se-lhe na boca, estando ela obviamente a pensar no genro. — Costumava dizer, por piada, que não estava preparada para se fixar num estilo ou numa época, nem no que tocava aos homens, nem à sua coleção de arte. Era, pensava eu, uma mulher esperta, cheia de estilo e humor. A Reva tende a ser muito séria e concentrada no trabalho. Eu achava... estava convencida de que a Felicity era uma boa amiga para ela, alguém que trazia à superfície o seu lado mais frívolo.

— Com quem estava a Felicity envolvida agora?

— Não sei ao certo. Apresentou-nos um homem há semanas. Estivemos cá todos, num dos seus *brunches* de domingo. Era pintor, creio. — Fechou os olhos, como para se concentrar. — Sim, um pintor. Chamava-se Fredo. Ela chamava-lhe Fredo, e pareceu-me muito dramático, muito estrangeiro e muito intenso. Mas algumas semanas antes estava com outro. Magro, pálido e meditativo. E antes disso...

Encolheu um ombro.

— Ela gostava de homens e, ao que parecia, não desenvolvia relações profundas com nenhum deles.

— Sabe de mais alguém que pudesse ter acesso aos códigos desta residência?

— Não sei de ninguém, não. A Felicity era muito rigorosa em relação à segurança. Não tinha empregados e só queria androides para o serviço doméstico. Costumava dizer que não se podia confiar em pessoas, porque elas confiavam sempre nas pessoas erradas. Lembro-me de lhe dizer, uma vez, que achava isso muito triste, e ela riu-se, e disse-me que se não fosse assim, a minha filha não teria emprego.

Vendo Peabody aparecer à porta, Eve pôs-se de pé.

— Obrigada. Vou precisar de falar consigo de novo, e preciso da sua autorização, registada, em como podemos levar os *links* que tem em casa, para serem examinados.

— Tem a minha autorização, e tudo o mais de que precisar para esclarecer isto. Agradeço muito o facto de se encarregar do caso pessoalmente. Sei que encontrará a verdade. Já posso ir ter com a Reva?

— Seria melhor se esperasse aqui, mais um pouco. — Lançou um olhar a Roarke, para ele compreender que devia fazer o mesmo.

No corredor, anuiu a Peabody, para que ela falasse.

— Os técnicos encontraram sangue no ralo, lá em cima, e as impressões da Ewing no lavatório, apesar de ter sido cuidadosamente limpo. A arma do crime não se assemelha a nada do que vimos na cozinha. Há um faqueiro muito elegante, que parece estar completo.

Peabody consultou as suas notas.

— Reativei o androide da casa. Tinha sido desligado às vinte e uma e trinta. Antes disso, registou que a Felicity estava em casa com um amigo. Ela programou o androide para não revelar nomes nem pormenores. Vamos ter de o levar, para sacar mais informação.

— Encarrega-te disso. Há vestígios de sangue na segunda casa de banho do primeiro andar?

— Nada. Só as impressões da Ewing na sanita.

— OK. Vamos interrogar a Ewing uma segunda vez.

Dirigiram-se juntas para a sala, onde um agente de uniforme vigiava Reva. Assim que Eve entrou, Reva pôs-se de pé.

— Tenente. Gostava de falar consigo. Em privado.

Eve fez sinal ao agente para que saísse, e falou sem olhar para Peabody.

— Esta é a minha parceira, a inspetora Peabody. Que tem para nos dizer, senhora Ewing?

Reva hesitou, e depois, vendo Eve sentar-se, deu um suspiro resignado.

— É que... a minha cabeça está a ficar mais lúcida, e estou a ver os sarilhos em que me meti. E os sarilhos em que meti a minha mãe. Ela só veio para cá porque eu estava histérica. Não quero que nada desta trapalhada tenha consequências para ela.

— Não se preocupe com a sua mãe. Ninguém quer prejudicá-la por causa disto.

— Está bem. — Reva anuiu brevemente. — Está bem, então.

— Disse que quando puxou a colcha, viu os corpos, o sangue.

— Sim. Vi que estavam mortos. Sabia que estavam mortos. Só podiam estar.

— Onde estava a faca?

— A faca?

— A arma do crime. Onde estava?

— Não sei. Não vi faca nenhuma. Só o Blair e a Felicity.

— Peabody, mostra à senhora Ewing a arma que recolhemos como prova.

Peabody pegou no saco com a faca e mostrou-o a Reva.

— Reconhece esta faca, senhora Ewing?

Reva olhou para a lâmina manchada de sangue, o punho sujo, depois ergueu os olhos, atordoados e confusos, para Eve.

— É do Blair. Pertence ao conjunto que ele comprou no ano passado, quando decidiu que devíamos tirar um curso de cozinha. Eu disse-lhe que fosse à vontade, mas que eu me ficava pelo AutoChef ou pelo pronto-a-comer. Ele foi mesmo assistir às aulas, e cozinhava, de vez em quando. Esta parece-me uma das suas facas de cozinha.

— Trouxe-a consigo esta noite, Reva? Zangada como estava, será que a pôs no seu saco, talvez para os ameaçar, para os assustar?

— Não. — Deu um passo atrás, afastando-se da arma. — Não, não a trouxe.

Foi a vez de Eve lhe mostrar um saco de provas.

— Esta é a sua *stunner*?

— Não. — Os dedos de Reva enrolaram-se-lhe nas palmas das mãos. — Esse é um modelo militar recente. A minha *stunner* tem mais de seis anos, é uma arma dos Serviços Secretos reconfigurada. Essa não é minha, nunca a tinha visto.

— Tanto esta *stunner* como a faca foram usadas nas vítimas. Ambas têm as suas impressões digitais.

— Isto é de loucos.

— A violência das facadas produziria uma quantidade considerável de salpicos de sangue. Nas suas mãos, nos seus braços, na sua cara, e também na roupa.

Lentamente, Reva baixou os olhos para as suas mãos, esfregando-as suavemente uma na outra.

— Sei que tenho sangue na *t-shirt*. Não sei como... Talvez tenha tocado em alguma coisa lá em cima. Não me lembro. Mas não os matei. Nunca toquei nessa faca, ou nessa *stunner*. Não tenho sangue nas mãos.

— Encontrámos as suas impressões digitais na casa de banho, no lavatório, e sangue no ralo.

— Acha que eu lavei as mãos? Acha que tentei lavar-me, encobrir isto, antes de telefonar à minha mãe?

Eve percebeu que Reva começava a ficar mais lúcida, e que a cólera estava a regressar, juntamente com o raciocínio. Os seus olhos pretos

estavam em brasa e os dentes cerravam-se, enquanto a cor lhe voltava ao rosto.

— Que raio pensa que eu sou? Acha que eu ia desfazer o meu marido e a minha amiga, só porque eles me fizeram de parva? E se o tivesse feito, não teria a porra da sensatez de me livrar da arma do crime e de me proteger? Por amor de Deus, eles estavam *mortos*. Já estavam mortos quando aqui cheguei.

Deu um salto da cadeira ao cuspir as palavras, e a raiva, tão nítida na sua expressão, fê-la começar a andar às voltas pela sala.

— Que raio se passa? Que raio está a *acontecer*?

— Que veio aqui fazer esta noite, Reva?

— Vim confrontá-los, vim gritar e berrar e talvez fazer o Blair ajoelhar-se com a mão no meio das pernas. Vim esbofetear a cara linda e mentirosa da Felicity. Vim partir coisas e fazer uma bela cena.

— Porquê esta noite?

— Porque só *descobri* esta noite, caramba.

— Como? Como foi que descobriu?

Reva deteve-se e olhou para Eve, como se tentasse compreender uma língua estranha de que não se lembrasse bem.

— O embrulho. Oh, Deus, as fotografias e os recibos. Puseram-me um embrulho à porta de casa. Eu já estava deitada. Era cedo, passava pouco das onze, mas estava aborrecida e fui para a cama. Ouvi a campainha do portão. Fiquei irritada. Não fazia ideia de quem poderia ser, àquela hora, mas fui lá abaixo. Tinham deixado um embrulho ao portão. Fui buscá-lo.

— Viu alguém?

— Não. Só o embrulho, e como sou desconfiada, passei-lhe um *scanner* por cima. Não estava à espera que me explodisse na cara — disse, com um sorriso amargo —, mas é o hábito. Vi que não havia problema e levei-o para dentro. Achei que era do Blair. Um presente do tipo «já sinto a tua falta». Ele tinha dessas coisas... gestos tolos, românticos...

Interrompeu-se, com os olhos muito brilhantes, tentando conter as lágrimas.

— Pensei que fosse um presente dele, abri-o. Eram fotografias, muitas fotografias do tipo que se faz em vigilância, do Blair com a Felicity. Fotografias íntimas, inequívocas dos dois juntos, e cópias de faturas de hotéis e restaurantes. Merda.

Levou os dedos aos lábios.

— Faturas de joias e *lingerie* que ele comprou... e não para mim. Tudo de uma conta que eu nem sabia que ele tinha. E havia dois discos... um com as chamadas de *link* entre eles, outro com os *e-mails* que tinham trocado. Telefonemas românticos, mensagens românticas... muito íntimas e explícitas.

— Não havia nada a indicar quem poderia ter-lhe enviado tudo isso.

— Não, e não procurei, nem sequer me questionei, na altura. Estava demasiado chocada, furiosa e magoada. A última transmissão no disco era uma conversa deles sobre os dois dias que iam passar juntos, aqui, em casa dela, quando eu pensava que ele ia para fora. Riram-se de mim — murmurou Reva. — Achavam uma boa piada eu não fazer ideia do que se estava a passar mesmo debaixo do meu nariz. Uma perita em segurança que nem é capaz de controlar o marido.

Voltou a sentar-se, pesadamente.

— Isto não faz sentido. É de loucos. Quem quereria matá-los, e armar-me uma cilada, para me incriminar?

— Onde está o embrulho? — perguntou-lhe Eve.

— No meu carro. Trouxe-o comigo, para o caso de amolecer durante o caminho, embora fosse pouco provável. Está no banco do passageiro, onde eu o podia ver bem.

— Peabody.

Reva esperou que Peabody fosse lá fora buscar o embrulho.

— Sei que isto não me faz parecer menos culpada. Obtenho provas em como o meu marido anda metido com a minha melhor amiga, descobro que têm um encontro esta noite, e venho até cá, armada e pronta. Fiz exatamente o que era suposto. Não sei como, nem por que razão me tramaram. Não sei por que há de acreditar em mim quando lhe digo que me armaram uma cilada. Mas essa é a verdade.

— Vejo-me obrigada a detê-la. Vou ter de a acusar. A acusação será duplo homicídio qualificado. — Viu Reva empalidecer. — Não a conheço — continuou Eve —, mas conheço a sua mãe, e conheço o Roarke. Nenhum deles é fácil de levar. Ambos acreditam em si, por isso vou dar-lhe alguns conselhos. *Off the record*. Arranje um advogado. Arranje uma maldita tropa de advogados. E não me minta. Não me minta em circunstância alguma. Se os seus advogados forem bons, amanhã de manhã têm-na cá fora, pagando uma caução. Tenha uma conduta irrepreensível e colabore comigo. Se me esconder alguma coisa, eu descobro, e vou ficar chateada.

— Não tenho nada a esconder.

— É capaz de vir a ter alguma ideia. Se e quando isso acontecer, pense duas vezes. Quero que se ofereça para um teste de polígrafo, terceiro nível. É lixado, é intrusivo, e pode ser doloroso, mas se não tem nada a esconder e está a ser honesta comigo, vai passar. Um teste de terceiro nível pesaria muito a seu favor.

Reva fechou os olhos, respirou fundo.

— Aguento um terceiro nível.

Eve esboçou um sorriso.

— Não vá fazer o teste com ideias feitas. Já passei por isso, e vai deixá-la de rastos. Posso obter um mandado para revistar a sua casa, o seu escritório, os seus veículos, tudo. Mas se me der permissão para fazer as buscas, isso ficará registado, e também vai pesar a seu favor.

— Estou a pôr muito nas suas mãos, Dallas.

— Fosse como fosse, já estava nas minhas mãos.

Deteve Reva. Dada a hora, o regulamento permitia-lhe continuar a interrogá-la até de manhã. Mas ainda tinha trabalho por fazer, e ainda tinha Roarke.

Passou pelo *open space* da Secção de Homicídios, onde os poucos inspetores no turno da noite cumpriam, a bocejar, as duas horas de trabalho que restavam. Como Eve suspeitara, Roarke esperava-a no seu gabinete.

— Preciso de falar contigo — começou ele.

— Já calculava. Não fales antes de eu beber café. — Foi direita ao AutoChef e programou uma chávena dupla de café forte.

Roarke deixou-se ficar onde estava, apenas se voltou para espreitar, da miserável janela do gabinete, o trânsito espasmódico da madrugada. Enquanto bebia o seu café, Eve quase podia ver a impaciência e o ultraje serpenteando como raios em torno dele.

— Autorizei a Caro a ficar quinze minutos com ela. É o melhor que posso fazer. Depois tens de levar a Caro a casa, tentar acalmá-la. Hás de saber como.

— Ela está morta de preocupação.

— Imagino que sim.

— Imaginas? — Voltou-se para ela, devagar. Devagar o bastante para Eve perceber que ele estava à beira de explodir. — Acabaste de prender a sua única filha por duplo homicídio qualificado. Puseste a Reva numa cela.

— E achaste que, só porque gostas delas, e eu de ti, ia deixá-la sair alegremente em liberdade, quando tenho as impressões dela na arma do crime? Quando a encontro na cena de um duplo homicídio, em que as vítimas são, por acaso, o marido e a amiga dela, nus, na cama? Quando ela admite que forçou a entrada na casa, depois de saber que ele andava a comer a sua boa amiga Felicity?

Bebeu um grande gole de café, depois ergueu a chávena na direção dele.

— Talvez preferisses uma abordagem religiosa do trabalho da Polícia... Acompanhava-a à porta e dizia-lhe «vai e não tornes a pecar».

— A Reva não matou ninguém. É óbvio que lhe armaram uma cilada, e que quem os matou quis incriminá-la, planeou tudo e deixou-a a sofrer as consequências.

— Na verdade, concordo contigo.

— E ao prenderes a Reva, só estás a dar a quem fez isto tempo e oportunidade para... para quê?

— Disse que concordava contigo, em relação à cilada. Mas não concordo com o que acabaste por não dizer. — Bebeu mais alguns goles de café, desta vez mais devagar, sentindo a bebida entrar-lhe deliciosamente no sistema. — Não estou a dar a quem fez isto tempo e oportunidade para fugir. Estou a dar-lhe tempo e oportunidade para pensar que escapou, e entretanto mantenho a Reva em segurança. E cumpro a chatice da lei, já agora. Estou a fazer o meu trabalho, por isso não me atrapalhes.

Roarke sentou-se, porque de repente se sentia cansado, e porque também estava terrivelmente preocupado, com Caro e com Reva. Considerava ambas como responsabilidade sua.

— Acreditaste nela.

— Sim, acreditei nela. E acredito nos meus próprios olhos.

— Desculpa, mas devo estar um bocado lento, esta manhã. O que te disseram os teus olhos?

— Que estava tudo demasiado encenado. No local do crime. Parecia um cenário de videojogos. Casal brutalmente assassinado, faca (da cozinha da suspeita) espetada no colchão. Sangue no ralo, impressões digitais da suspeita no lavatório, só num cantinho que ela se esqueceu de limpar. Impressões digitais nas armas, por toda a parte, para o caso de o investigador precisar que lhe deem uma porra duma ajuda.

— E claro que tu não precisas. Devo pedir desculpa por ter duvidado de ti?

— Por esta vez, passa, tendo em conta que são cinco da manhã e que a noite foi longa. — Sentiu-se generosa o bastante para lhe dar café, e programou mais uma chávena para si. — Mas a maior parte do trabalho é de categoria. Quem fez isto tinha de conhecer a tua rapariga: como ela ganha a vida, como reage. Tinha a certeza de que ela havia de correr para casa da amiga, furiosa. Sabia que ela ia contornar a segurança. Sabia que ela talvez batesse à porta, mas que não voltaria para casa quando não fossem abrir. Ainda assim, ficaram pontas soltas.

— Tais como?

— Se ela tivesse levado um facalhão daqueles, não tinha tirado uma minibroca para desfazer o casaco. Se se tivesse lavado, porque havia de ir vomitar à outra casa de banho? Porquê deixar lá as suas impressões digitais? Como é possível não ter ficado com sangue no cabelo? Havia salpicos no candeeiro, na parede, e para fazer aquilo ela tinha de estar mesmo por cima deles, mas não tinha salpicos no cabelo. Será que também o lavou? Nesse caso, como é que os técnicos não encontraram um único cabelo dela nos ralos da casa de banho?

— És muito minuciosa.

— É por isso que me pagam bem. Quem quer que tenha feito isto conhece a Reva, e conhece as vítimas. Queria um deles morto, talvez quisesse os dois. Ou então queria a Reva Ewing atrás das grades para o resto da vida. É um quebra-cabeças.

Sentada na esquina da secretária, Eve bebericava o seu café.

— Vou virar a vida dela do avesso, e fazer o mesmo com as vítimas. Pelo menos um deles é a chave do problema. Quem fez isto vigiou as vítimas, tirou as fotografias, gravou os discos. Boa qualidade. E entrou na casa tão habilmente como a Reva, logo, percebe de segurança. Tinha uma *stunner* de estilo militar. Ainda preciso que a analisem, mas aposto que não é uma imitação de mercado negro. O assassino achava que a Polícia ia entrar no local do crime e engolir aquela merda toda de uma vez, para depois ir comer uma porra dum *donut*.

— Não a minha polícia.

— Nenhum polícia desta divisão, ou esse polícia merecia uma bota pelo cu acima — disse Eve, com emoção. — Quando uma coisa parece tão perfeita à superfície, nunca o é por baixo. A pessoa que fez isto é um bocadinho criativa de mais. Talvez tenha pensado que ela ia fugir. Que, quando acordasse, ia entrar em pânico e fugir. Mas não foi assim. A equipa médica está a examiná-la; vamos saber se a puseram inconsciente, ou

se lhe deram alguma coisa que a tenha feito perder os sentidos. Ela não me parece do tipo de desmaiar.

— Não é.

Ainda a beber o café, Eve olhou para ele por cima da borda da chávena.

— Vais voltar a chatear-me por causa disto?

— Vou, sim. — Roarke tocou-lhe no braço, percorrendo-o com a mão, depois deixou-a. — A Caro e a Reva são importantes para mim. Vou pedir-te que me deixes ajudar. Se recusares, vou contornar-te. Sei que me custará fazê-lo, mas terá de ser. Para mim, Eve, a Caro não é uma empregada qualquer. Pediu-me ajuda, e nunca me pediu nada até hoje. Nem uma vez, em todos os anos que esteve comigo. Não posso voltar-lhe as costas agora, nem por ti.

Eve deu mais um gole contemplativo.

— Se conseguisses voltar-lhe as costas, mesmo por mim, não serias o homem por quem me apaixonei, não é verdade?

Roarke pousou a sua chávena, e segurou a cara dela entre as mãos.

— Lembra-te deste momento, da próxima vez que estiveres furiosa comigo, sim? E eu farei o mesmo.

Curvou-se e beijou-a na testa.

— Vou enviar-te os meus ficheiros sobre a Caro e a Reva, que contêm uma quantidade de dados substancial. E ainda te vou arranjar mais.

— É um bom começo.

— Foi a Caro que me pediu para o fazer. — Afastou-se um pouco. — Eu tê-lo-ia feito de qualquer maneira, mas o facto de ela mo ter perdido facilita as coisas. Vais perceber, ao lidar com ela, que é uma pessoa escrupulosa.

— Sendo assim, como é que foi trabalhar para ti?

Ele sorriu.

— Um paradoxo, não é? Vais chamar o Feeney?

— Vou precisar dos ases da DDE, por isso, sim, vou chamar o Feeney. E ele vai trazer o McNab.

— Eu podia ajudar com a parte eletrónica.

— Se o Feeney te quiser, pode ficar contigo. Vou pedir autorização ao comandante. Mas já sabes que vai ser uma questão sensível, a tua relação com a suspeita. Se eu não convencer o comandante Whitney de que isto foi uma cilada, ele não vai aceitar, nem oficiosamente.

— Aposto em ti.

— Uma coisa de cada vez. Leva a Caro a casa.

— Sim. E vou limpar a minha agenda o mais possível, até isto estar terminado.

— Vais pagar os advogados?

— Ela não me deixa. — Uma sombra de irritação cruzou-lhe o rosto.

— Foram as duas inflexíveis a esse respeito.

— Mais uma coisa. Tu e a Reva já dançaram o tango?

— Queres dizer se já fomos amantes? Não.

— Ainda bem. Um pouco menos complicado, assim. Pira-te — ordenou-lhe. — Tenho de encontrar a minha parceira, para irmos a Queens.

— Posso fazer-te uma pergunta primeiro?

— Que seja rápida.

— Se tivesses entrado naquela casa, esta noite, e não houvesse nenhuma ligação, terias visto a cena do crime da mesma maneira?

— Quando vi a cena do crime, não havia ligação — disse Eve. — Foi assim que pude ver as coisas como eram. Não podia levar-te comigo, nem literalmente, nem em pensamento. Terias feito o mesmo.

— Gosto de pensar que sim.

— Terias feito o mesmo. Sabes ser frio, quando é preciso. Digo isto no bom sentido.

— Acredito — disse ele, meio a rir.

— Deixei-te entrar logo depois de eu sair.

— Ah sim?

— Pensei: se o Roarke tivesse armado isto, ninguém havia de perceber que era uma cilada. Quem fez isto devia ter tido lições.

Desta vez ele riu-se com vontade, e Eve alegrou-se ao ver que a preocupação se aligeirava no seu olhar.

— Bem, isso é que é um elogio.

— Estou só a dizer-te como vejo as coisas, e a explicar-te por que razão aceitei a tua ajuda. Se quero perceber o como e o porquê de uma cilada de categoria, mais vale contar com alguém que sabe os comos e os porquês. Começa a pensar em que estava a Reva a trabalhar agora, ou no que esteve a trabalhar antes, ou no que ia fazer a seguir.

— Já estou a pensar nisso tudo.

— Vês? Mais uma razão. Acho melhor arranjares um guarda-costas para a Caro, por via das dúvidas. Ela ia preferir um particular a um polícia.

— Já está tratado.

— E as razões vão chovendo. Pisga-te.

— Já que mo pedes com tão bons modos. — Beijou-a, um leve toque de lábios nos lábios. — Arranja alguma coisa decente para comeres — disse-lhe, ao sair.

Olhando para a placa do teto que escondia, de momento, a sua reserva de doces, Eve pensou que aquela não devia ser a comida a que ele se referia.